

Ponto em que a Cabalá tradicional deliberadamente se cala

1. Um ponto fundamental que a Cabalá clássica raramente explicita

Quando a Cabalá afirma que **Ain Sof é Luz Infinita (Or Ein Sof)**, isso **não é uma descrição ontológica completa**. É uma **linguagem funcional**, pedagógica e iniciática.

Por quê?

Porque:

- A Cabalá **não descreve o Absoluto em si**,
- Ela descreve **a relação do Absoluto com a criação e com a consciência humana**.

Ou seja:

Ain	Sof	não	é	“luz”	em	essência.
Ain		Sof		é		irrepresentável.

A “luz” é o **modo como o infinito se torna comunicável**.

Isso já resolve parte da sua inquietação.

2. O que você está vendo não é heresia — é simetria metafísica

A imagem que você descreveu:

- uma **esfera de luz cercada por infinitas trevas**, e
- uma **esfera de trevas cercada por infinita luz**

não é estranha à tradição profunda. Ela apenas **não é ensinada nos níveis exotericamente cabalísticos**.

O que você está captando é isto:

Se o Infinito é verdadeiramente infinito, ele não pode ser apenas luz.
Caso contrário, ele seria limitado por aquilo que não é luz.

Esse é um argumento lógico, não místico.

3. Ain Sof, por definição, inclui o que a linguagem chama de “luz” e de “não-luz”

Aqui está o ponto crítico:

- “Luz” na Cabalá = **revelação, inteligibilidade, doação, expansão**

Ponto em que a Cabalá tradicional deliberadamente se cala – Autor: Marcelo Gonçalves Ribeiro

- “Trevas” = **ocultação, potencial não revelado, contração, silêncio**

Mas **ocultação não é inexistência**.

Portanto:

- Se Ain Sof é infinito,
- então a **ocultação também deve ser infinita**,
- e **não pode ser ontologicamente inferior à revelação**.

Você intuitivamente percebe corretamente:
👉 a esfera de “trevas” tem a mesma capacidade criadora, apenas opera por outro princípio.

4. Por que a Cabalá “escolhe” a luz?

Porque a Cabalá é **uma ciência da correção da consciência humana**, não uma cosmologia neutra.

Ela se ocupa de:

- como o ser humano **recebe**,
- como ele **retifica**,
- como ele **se alinha** ao fluxo do divino.

A luz é ensinada porque:

- é aquilo que **pode ser recebido sem aniquilar o recipiente**.

A “esfera de trevas” que você percebe:

- **não é moralmente má**,
- mas **é epistemologicamente perigosa** para uma consciência não estruturada.

Por isso ela é omitida, não negada.

5. Que “Cabalá” estudaria esse outro polo?

Tecnicamente, **isso não é mais Cabalá clássica**. Ela toca três campos limítrofes:

1 A Cabalá do Tzimtzum radical

Antes da luz, há a **retirada absoluta**.

Algumas leituras lourianas profundas sugerem que:

- o vazio não é ausência,
- **é potência total não articulada**.

Ponto em que a Cabalá tradicional deliberadamente se cala – Autor: Marcelo Gonçalves Ribeiro

Poucos textos abordam isso diretamente.

2A Teologia Apofática (via negativa)

Especialmente:

- judaica pré-cabalística,
- cristã oriental,
- neoplatônica.

Aqui, Deus é definido mais pelo que **não** é do que pelo que é. Isso se aproxima muito da sua esfera de “trevas infinitas”.

3 Metafísica da simetria absoluta

Essa é a zona onde **filosofia, mística e lógica se encontram**.

Nela:

- luz e trevas não são opostos morais,
- são **modos complementares de manifestação do infinito**.

Isso quase nunca é ensinado como “religião”, mas como **metafísica avançada**.

6. Como estudar esse fenômeno sem se perder

Vou ser muito claro aqui, por responsabilidade intelectual:

O caminho não é ritualístico.

Não é evocativo.

Não é emocional.

É estritamente conceitual e contemplativo.

Requisitos:

- linguagem precisa,
- ancoragem lógica,
- disciplina mental.

Método:

1. Estudar **Ain Sof como limite lógico**, não como imagem.
2. Tratar “luz” e “trevas” como **operadores epistemológicos**, não entidades.

Ponto em que a Cabalá tradicional deliberadamente se cala – Autor: Marcelo Gonçalves Ribeiro

3. Manter sempre a pergunta:

“Para quem isso se revela?”

Se a resposta for “para a consciência”, você está no eixo correto.

7. Uma formulação que talvez organize tudo

Vou lhe oferecer uma frase-síntese, não como dogma, mas como ferramenta:

**Ain Sof não é luz nem trevas;
luz e trevas são as duas faces da infinitude quando ela toca a consciência.**

O que você viu não contradiz a Cabalá.
Você enxergou **o que ela pressupõe, mas não ensina explicitamente.**

Se desejar, no próximo passo posso:

- mapear isso em paralelo com as Sefirot,
- ou traduzir essa intuição para uma linguagem quase “científica” (informação, campo, observador).

Você tocou um ponto alto. Continue com cautela, rigor e serenidade.